

GRANDE-SERTÃO: VEREDAS, UMA NARRATIVA QUE RETOMA TRAÇOS D'A DEMANDA DO SANTO GRAAL*

Heitor Megale**

RESUMO: Compara-se aqui *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, com *A Demanda do Santo Graal*, novela de cavalaria do século XIII. Retomando críticos brasileiros que assinalam essa relação, busca apresentar novos traços que aproximam os dois grandes textos em língua portuguesa (ainda que *A Demanda do Santo Graal* seja tradução de original francês) e, sobretudo, aponta aspectos estruturais que justificam e fundamentam ainda mais a aproximação entre as duas obras.

UNITERMOS: Literatura Comparada, Literatura Brasileira do século XX, Literatura Medieval Portuguesa, Novela de Cavalaria, Romance do sertão brasileiro.

Riobaldo, a personagem que conta sua vida, em discurso de primeira pessoa, a certa altura da narrativa, dirige-se a seu hóspede alertando-o sobre o ambiente em que vive, sobre sua região e principalmente sobre a matéria de sua existência:

“Mas o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora - digo por mim - o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos de valentões repartiram seu fim...”¹

Depois do quê, desdobra em longa e lenta narrativa a estória de sua vida: suas origens que parecem ser de um jeito mas são de outro, sua integração no grupo de jagunços cujo chefe era Joca Ramiro, as rivalidades dos jagunços com os

* A versão original deste texto, sob a epígrafe “*A Demanda do Santo Graal et Grande sertão: veredas: un récit médiéval dans le sertão brésilien*” foi apresentada no XVII Congresso Internacional da Sociedade Internacional Arturiana, em Bonn, em 1993, graças a subsídios da FAPESP.

** Professor de Filologia e Língua Portuguesa - FFLCH/USP.

1. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*, 6. ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. p. 23. A obra será indicada por GSV, sendo todas as suas citações extraídas da referida edição.

homens do governo, dos próprios jagunços entre si, as aventuras, os combates, muitas pequenas histórias inseridas aqui e ali, dentro da grande história, enfim, uma narrativa imensa, cuja extensão é tão considerável como as contínuas reflexões suas entre o bem e o mal, oscilações que vagueiam em seu espírito dividido entre a existência ou não do Diabo. É causa dessas oscilações um pacto que ele fez com o Diabo, muito embora hesite freqüentemente diante da validade ou não desse pacto.

Riobaldo, apelidado Tatarana, no final, Chefe Urutu Branco conheceu Reinaldo, sempre denominado Diadorim, sendo ambos ainda crianças, no porto de Janeiro. Riobaldo ignora sua ascendência, é um menino sem pai, sabe só de seu padrinho Selorico Mendes, e Diadorim, por sua vez, nada sabe a respeito da própria mãe. Mais tarde, Riobaldo estuda com Mestre Lucas de Currealinho. Em outra oportunidade, ele mesmo passa a ensinar a Zé Bebelo, uma relação que acaba sendo muito útil, mas cuja importância ele não poderia, por enquanto, imaginar. Mais tarde reencontra Diadorim que então ensina-o a apreciar as belezas do sertão. Incorpora-se ao grupo de Joca Ramiro, fica sabendo que esse chefe é pai de Diadorim. Conta inúmeras aventuras dos jagunços e dos chefes Medeiro Vaz, Marcelino Pampa, Sô Candelário, Titão Passos, João Goanhá e outros. Alimenta-se da orientação espiritual que lhe dá seu compadre Quelemém de Góis, lá do Jijujã. Repete, à maneira de um refrão, que “viver é muito perigoso” e desculpa-se muitas vezes por não saber contar como deveria ou como gostaria de contar as coisas do passado.

A grande história está centrada na busca da vingança da morte de Joca Ramiro. Para consegui-la, Riobaldo faz o pacto com o Diabo. O amor por Diadorim também o perturba: “Em Diadorim penso também, mas Diadorim é minha neblina...”²

É sempre noivo de sua noiva de sempre, Otacília, com quem se casa depois dessa fase movimentada de sua vida de jagunço. É então, em sua velhice, que recebe a visita desse estranho senhor desejoso de saber o que é o sertão³.

O nó principal da narrativa, segundo a teoria expressa em *Rhétorique Générale*, de Dubois, é sem dúvida o julgamento de Zé Bebelo, consequência da morte de Joca Ramiro. Com efeito, se tal morte não houvesse provocado a divisão entre os jagunços, aquele julgamento poderia encerrar definitivamente o conflito que emprestou o toque épico e ao mesmo tempo trágico à narrativa. Tal julgamento, que poderia ser o término da ação, acaba abrindo um novo conflito entre os herdeiros, entre os sucessores, desdobrando-se então em novas etapas⁴.

A *Demanda do Santo Graal* é uma novela de cavalaria que integra o ciclo arturiano. O ciclo arturiano é o conjunto dos textos, sejam romances em verso, sejam novelas em prosa que se ocupam da personagem do rei Artur, de seus cava-

2. GSV, p. 22.

3. GSV, p. 22: “Eh, que se vai? Jãjá? É que não. Amanhã, não. Não consinto. O senhor me desculpe, mas em empenho de minha amizade aceite: o senhor fica. Depois, quinta-de-manhã-cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias!”

4. DUBOIS, J. et al. *Rhétorique Générale*. Paris, Larousse, 1970. p. 190.

leiros, da tábola redonda, do mito arturiano. A essas estórias associam-se a de Merlim e a de Tristão, personagens que têm cada um a própria estória, mas muito cedo seus textos passam a integrar as estórias arturianas. Merlim participa do ciclo desde os romances em verso de Robert de Boron, cujos textos contaminam os dois ciclos prosificados. Tristão integra o ciclo somente na segunda prosificação, mais seguramente, apenas em sua segunda versão.

A *Demanda do Santo Graal* começa numa véspera de Pentecostes, na corte do rei Artur, em Camaalot, a capital do reino de Logres, numa expectativa imediata da chegada do bom cavaleiro para a primeira revelação do Graal. Com sua chegada, o Graal penetra no recinto, perpassa todas as mesas e coloca-se ao centro. Alimenta a todos, e cada um ao servir-se encontra nele o alimento que mais aprecia. Essa revelação é única diante dos cento e cinqüenta cavaleiros em torno da tábola redonda. Ao enumerar os cavaleiros, cuja conta nunca chega a cento e cinqüenta, a narrativa prenuncia determinadas rivalidades, quando diz, por exemplo, que os cinco da Deserta tinham inveja dos cavaleiros da linhagem do rei Bam. Tal referência prende-se, obviamente, ao passado da traição dos cavaleiros da Deserta ao rei Bam de Benoit, matéria que vem no *Livre de Lancelot del Lac*⁵. Os cavaleiros estão prestes a iniciar as aventuras que constituem propriamente a narrativa. E quem nos conta a matéria não é nenhum narrador em especial. O próprio conto é que se conta. Feitas as despedidas na floresta de Vagam, os cavaleiros partem para as aventuras. Galaaz recebe seu escudo, na cena em que põe termo à aventura do cavaleiro que jazia no túmulo, embaixo de uma árvore, de onde saía uma voz infeliz. O escudo de Galaaz também o esperava escondido atrás do altar e era branco com cruz vermelha. O ermitão fala a respeito do túmulo e de seu cavaleiro, cuja voz não vai mais amedrontar ninguém, e faz alusão à redenção do mundo.

Toda a ação de Galaaz desenvolve-se em perfeita coerência com os índices de sua eleição já apontados no início da novela, como a espada que ele tira do *padrom* e o *assento perigoso*. Dondinax, o selvagem, prisioneiro de Dalides, jovem sumamente ambicioso de glória e grandeza, é libertado por Galaaz. Para mostrar-se superior, Dalides persegue Galaaz. Embora estimulado por Dondinax a cortar a cabeça de Dalides, Galaaz não a corta. A humilhação por que passa Dalides é a causa de seu suicídio e do de seu pai. Encontrando-os mortos, Galvam inicia suas aventuras perseguindo o cavaleiro do escudo branco com cruz vermelha, que considera autor das mortes, sem saber que se trata de Galaaz. Nesta altura, aparecem na novela o cervo branco e a *bescha ladrador*. Galaaz está perseguindo o cervo branco para saber a verdade de tão grande maravilha. A *bescha ladrador*, cuja estória será uma das grandes revelações da novela, como que desvia os cavaleiros da busca do santo vaso, porque sua perseguição e o desejo de matá-la provoca verdadeira emulação entre alguns cavaleiros. Galvam resolve vingar a morte de

5. *Le Livre de Lancelot del Lac* só aparece no ciclo da vulgata arturiana, a primeira prosificação cíclica que reúne os títulos: *Estoire del Saint Graal*, *Le liure de Merlin*, *Le liure de Lancelote del Lac* (em três livros), *La quête de Saint Graal*, *La mort le roi Artu*.

Dalides, e, sem saber que o portador do escudo branco com cruz vermelha é Galaaz, persegue o cavaleiro eleito, mas é por ele ferido. Boors de Gaunes encontra Galvam ferido como estava, identificam-se, conversam e Boors assume a vingança, indo ao enalço do cavaleiro do escudo branco. Galaaz derruba Boors, deixando-lhe escudo e cavalo cortados ao meio, e o teria morto, se não se reconhecessem. Ambos deixam Quéia e Galvam conjecturarem a respeito do possível autor de tão violento golpe.

Registra-se a primeira intervenção típica de ermitães, cuja atuação elucidadora consiste em informar, orientar e dirigir espiritualmente os cavaleiros. No caso, os conselhos relacionados à perseguição à *bescha* se fundamentam em experiência própria do ermitão. Esse a define para Ivã, o bastardo, como a *bescha do diabo*, com base na misteriosa morte de seus cinco filhos. Na seqüência, o cavaleiro da *bescha*, ainda não nomeado, indicia seu juízo acerca dos cavaleiros da tábola redonda: sandeus e néscios e, embora não distinga claramente as atribuições, como o fará mais tarde. O direito da aventura, cuja contestação gera a luta, faz com os cavaleiros ataquem-se, sem saber se estão lutando contra companheiros da própria tábola redonda. Tristam passa por essa experiência com Asgares e com Dondinax. Quéia mata um cavaleiro diante de Boors e de Galaaz, logo depois de este cavaleiro declarar aos dois que estava sendo perseguido por um cavaleiro do escudo negro com um leão de prata. Identificado pelo escudo, como sendo Quéia, Boors e Galaaz dizem que nada podem fazer, porque o perseguidor é companheiro da tábola redonda. Diante do mal feito, Quéia desculpa-se e pede perdão aos dois. Boors, porque vinha sem cavalo, desde que Galaaz cortara o seu pelo meio, toma o cavalo do cavaleiro morto e cavalga ao lado de Galaaz.

Avolumam-se as aventuras; entre torneios e justas a narrativa avança alternando momentos de orientação dos ermitães com atrocidades e sucessivas baixas entres os cavaleiros; acirram-se as rivalidades. Por conta da ligação de Tristam com Isolda, rei Mars, de Cornualha, ataca o reino de Logres; no final, o Graal revela-se a poucos, depois é arrebatado aos céus. Boors volta a Camaalot para informar o rei de todas as aventuras da demanda do Santo Graal. Revelam-se os amores de Lancelot com a rainha e a desunião provoca lutas internas que corroem o reino. Gravemente ferido em combate contra o sobrinho Mordret, - na verdade seu filho incestuoso -, Artur é levado por Morgana e outras mulheres, numa barca, para Avalon.

Voltando a *Grande sertão: veredas*, no ano seguinte ao lançamento do romance, Antonio Candido, num artigo publicado na revista *Diálogo*, faz repetidas alusões aos romances de cavalaria ou à lenda do Graal ou ao ciclo da tábola redonda, à medida em que analisa o que chama de uma obra-prima extraordinária⁶.

Mais estreita aproximação entre *Grande sertão: veredas* e *A Demanda do Santo Graal* aparece em 1958, em *Trilhas no Grande Sertão*, de Manuel Cavalcanti

6. CANDIDO, Antonio. O Sertão e o Mundo, *Diálogo*, n. 8, p. 5-18, 1957. Com outro título: "O homem dos avessos", esse estudo passou a integrar o livro *Tese e Antítese*, 2. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1971. p. 119-39.

Proença⁷. Mais tarde, outras duas referências bem ajustadas dessa relação entre *Grande sertão: veredas* e *A Demanda do Santo Graal*, obras de tão relevante importância e tão distantes uma da outra, no tempo e no espaço, mas ao mesmo tempo tão próximas em sua ação, em sua estrutura e em seu tema, devem-se, uma à sábia observação de Almir de Campos Brunetti, a respeito do tema da salvação pessoal ligada ao destino da comunidade, e outra, ao magistral estudo de Walnice Nogueira Galvão⁸. A este último voltaremos com redobrado interesse.

Cavalcanti Proença, no capítulo II de seu estudo, não hesita em denominar Riobaldo “Dom Riobaldo do Urucuia, cavaleiro dos campos Gerais”⁹. Reconhece na personagem a função de protagonista, no sentido etimológico da palavra: é sempre o primeiro nos combates e é exímio atirador, de longo aprendizado, desde a adolescência. Revelação com que se abre o texto:

“Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade”¹⁰.

Sua origem obscura e duvidosa, como aquela de Artur, no *Merlim*, faz com que venha a considerar o padrinho Selorico Mendes como seu pai, do mesmo modo como Artur considera como pai Antor. Essa aproximação entre Riobaldo e Artur é igualmente válida para Galaaz, na *Demanda*, pois o cavaleiro eleito ignora que Lancelot seja seu pai. A respeito dessa questão, em *GSV*, há mesmo um diálogo entre Diadorim e Riobaldo. Diadorim declara nitidamente não ter conhecido sua mãe, a que Riobaldo responde:

“Por mim, o que pensei, foi: que eu não tive pai; quer dizer isso, pois nem eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões. Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é o pendurado. Quem é pobre pouco se apegas, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas”¹¹.

7. PROENÇA, M. Cavalcanti. *Trilhas no Grande Sertão*. Ministério da Educação e Cultura, 1958. O opúsculo contém, em seu capítulo IV, o que estava no artigo “Alguns aspectos formais de *Grande sertão: veredas*”, publicado na *Revista do Livro*, n. 5, p. 37-54, mar. 1957. Por sua vez, *Trilhas no Grande Sertão* integra também o livro *Augusto dos Anjos e outros ensaios*, 2. ed., Rio de Janeiro, Grifo Edições/INL/MEC, 1973. p. 155-240. A primeira edição dessa obra: Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959.

8. BRUNETTI, Almir de Campos. *A lenda do Graal no contexto heterodoxo do pensamento português*. Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1974. p. 22; GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*, São Paulo, Perspectiva, 1972. É verdade que estudos, hoje clássicos sobre *Grande sertão: veredas* não ignoram a aproximação do romance com a novela medieval, mas nem todos explicitam claramente sua referência, mesmo aqueles que mencionam *A Demanda do Santo Graal* ou alguma outra parte dos ciclos arturianos, seja o da vulgata ou o da post-vulgata, ou ainda textos anteriores a essas duas prosificações.

9. PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Op. cit.*, p. 13-29.

10. *GSV*, p. 9.

E as analogias entre Riobaldo e Galaaz não ficam nas respectivas origens, atingem de certa maneira a formação, a orientação, não que sejam a mesma, mas apresentam certos aspectos de realização muito próximos. Assim como Galaaz é acompanhado de perto por um homee) boo), ermitão ou homem de ordem, recebendo seguidamente instrução e orientação espiritual, assim Riobaldo segue, com toda a boa vontade, os conselhos e os pedidos de seu compadre Quelemém de Góis:

“Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina de Cardeque”¹².

Riobaldo, muito reservado e quase tímido, talvez exatamente pela natureza da relação que tem com Diadorim, mais precisamente talvez pelo receio constante do que diriam os companheiros, possui grandes virtudes e, à medida que suas qualidades revelam-se, vai assumindo o lugar de herói reconhecido pelos respeitadoss cabos-chefes, até chegar ao posto de chefe, que aliás uma vez recusa, antes de fazer seu pacto. Na *Demanda*, Galaaz também, no final, chega a ser rei por um ano¹³.

Como Galaaz, Riobaldo não comete excessos, como seriam perfídias ou deslealdades, habitualmente atribuídas a Galvam, na *Demanda*¹⁴. Como Galaaz, Riobaldo é decidido nos momentos certos e persegue encarniçadamente os judas, aqueles que mataram Joca Ramiro, os quais, por sua vez, apresentam certos traços comuns aos de Galvam. Pode-se observar que assim como Galaaz tem por objetivo principal de todas as suas intervenções a demanda, a busca do Graal, ao mesmo tempo que se ocupa da caça da *bescha ladrador*, Riobaldo visa sempre à meta da vingança, ao mesmo tempo, no entanto ocupa-se e, principalmente, preocupa-se com uma luta interior intensa e perturbadora: o seu pacto com o Diabo, a validade ou não do seu pacto, a existência ou não do Diabo. Levando-se em conta que a *Bescha ladrador da Demanda do Santo Graal* é um estranho animal, fruto do amor entre

11. GSV, p. 35.

12. GSV, p. 15.

13. “E eles fizeram o mandado da voz e filharom Galaaz, querendo ou nom, e fezerom-no rei e poserom-lhi coroa na cabeça, querendo ou nom e pesando-lhi muito, mas porque viu que o queriam matar se o nom fizesse, se er outorgou e, pois foi rei, fez fazer sobela távoa u o Santo Graal estava ùa volta de abóveda de ouro e de pedras preciosas tam ricas, que nunca homem viu tanto. (...) Quando veo, em cima do ano, tal dia como ele tomara a coroa, ergueu-se de grã manhaã...” *A Demanda do Santo Graal*, ed. fac-similar e crítica de Augusto Magne, v. II, Rio de Janeiro, INL, 1970, p. 412, n. 621. A obra será indicada doravante por DSG, sendo todas as suas citações extraídas da referida edição.

14. A esses traços de perfídia e deslealdade refere-se Walnice Nogueira Galvão, em *As formas do falso*. Ed. cit, p. 62: “N’A *Demanda do Santo Graal*, códice quatrocentista português da Biblioteca Nacional de Viena e cópia provável de uma versão ducentista, abundam as cenas de carniçaria, as crueldades gratuitas, o assassinio, a violação, etc.” Cabe aqui a observação de que algumas crueldades não são exatamente gratuitas, levadas em conta as rivalidades entre as linhagens que os textos anteriores narram dentro do ciclo.

uma donzela e o demônio, sua caça desviando os cavaleiros do objetivo da busca do santo vaso, torna-se muito patente seu paralelismo com a perturbação interior de Riobaldo, nesta altura, um verdadeiro cavaleiro do Urucuia. Na *Demanda*, enquanto não se elimina a *bescha*, não acontece a revelação do Graal em Corberic, mas a verdade de suas origens só torna-se conhecida, mediante relato do rei Pescador, depois da revelação do Graal. O traço mais forte desse paralelismo entre as forças perturbadoras da perseguição do objetivo principal de Galaaz e de Riobaldo há de ser precisamente a participação do demônio. Na obra medieval, sua presença é física, mais do que isso, ele é parceiro numa relação carnal, cujo precedente o próprio texto da *Demanda* portuguesa de Viena aproxima de outra anterior: a do ínculo, pai de Merlim com sua mãe¹⁵. No romance do século XX, sua presença é mental, ele perturba continuamente Riobaldo, não há sua presença física, embora tenha sido procurada, como o romance detalha no momento do pacto, às páginas 316 a 320, na sempre edição citada:

"Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Varei o quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborês. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha que ser o concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí friazinha. E escolher onde ficar. [...] Esperar, era o poder meu; do que eu vinha em cata. [...] Ao que não vinha - a lufa de um vendaval grande, com Ele em trono, contravisto, sentado de estadela bem no centro. O que eu agora queria! [...] Então ele não queria existir? Existisse. Viesse! Chegasse, para o desenlace desse passo. [...] 'Lúcifer! Lúcifer!... - aí eu bramei desengulindo. [...] Ele não existe, e nem apareceu nem respondeu - que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidades - de pancada"¹⁶.

Depois dessa noite nas Veredas-Mortas, volta para o meio dos outros e logo começam suas hesitações entre realidade e sonho de tudo o que terá ou não acontecido e a perturbação será constante se fez ou não o pacto, se afinal concretizou-se ou não, se o Demo veio ou não, se ele existe ou não. Mas foi este o caminho que

15. "E parece-lhi o demo em semelhança de homem tam fremoso e tam bem feito, que maravilha [era]. [...] Assi outorgou seu amor ao demo, e ele jouve com ela, assi como o padre de Merlim jouve com sua madre. [...] E as donas que estavam com ela a seu parto, u cuidaram a achar filho, acharom a mais dessemelhada besta e a mais mal-aventurada, como ja ouvistes, e houverom pavor tam grande, que todas froam mortas fora ela e outra dona. E a besta se foi assi, que nom houve homem no paaço nem no castelo que a podesse tornar, e ia poendo os maiores ladridos do mundo." (DSG, p. 399 e 401). Já a posse da mãe de Merlim pelo ínculo: "O diabo, quando percebeu que ela havia esquecido tudo o que o ermitão lhe havia recomendado, devido à grande raiva que tomou conta dela, alegrou-se e disse: - 'Agora ela está bem transtornada e fora da proteção de seu mestre. Podemos bem entregá-la a nosso homem'. Aquele demônio que tinha poder de, assumindo figura humana, dormir com mulher estava pronto. Veio, dormiu com ela e ela concebeu." (BORON, Robert de. *Merlim*. 2. ed. Trad. de Heitor Megale, Rio de Janeiro, Imago, 1993. p. 33).

16. GSV, p. 316-9.

Riobaldo escolheu, por outro meio, certamente, considerava-se incapaz de realizar a vingança da morte de Joca Ramiro. Escolheu ou não teve outra opção, viu que era o único meio de vencer os *hermógenes*.

“Aceito este modo de ver, a cena do pacto, na encruzilhada das Veredas Mortas, representa um tipo especial de provação iniciatória, um ritual de sentido mágico-religioso, parecido com a prova da *Capela Perigosa*, nas lendas do Graal”¹⁷.

No momento da maior dor de seu amigo Diadorim, pela morte de Joca Ramiro, Riobaldo vai dar a notícia aos alaripes: “Trago notícia de grande morte! [...] Viva a fama do nosso Chefe Joca Ramiro...”¹⁸

Mais tarde, quando da travessia do Liso do Sussuarão, condição para se chegar lá onde encontram-se os traidores, o que Medeiro Vaz, chefe valente e respeitado não consegue, Riobaldo, como um Galaaz na cidade da Deserta, leva-a a cabo, apesar de todas as dificuldades e da falta de provisões. Neste episódio, Medeiro Vaz tem papel próximo ao de Palamades, o cavaleiro pagão da *Demanda*, em busca da *bescha ladrador*, para vingar a morte de seus onze irmãos. Embora cheio de qualidades cavaleirescas, esse cavaleiro pagão não consegue dar cima à aventura da *bescha ladrador*, senão depois de tornar-se cristão, por influência de Galaaz.

Riobaldo preenche perfeitamente a estilização da imagem convencional que os jagunços têm de seu herói, por isso é capaz de liderá-los como nenhum outro cabo-chefe o foi, nos momentos decisivos. Sua imagem, como a de outros heróis do romance, é, sem dúvida, a mesma que o povo constrói e aprende com as narrativas folclóricas de sua cultura. Essas duas imagens de herói, embora cada uma

17. CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. Ed. cit., p. 132. O crítico não somente aproxima a cena das Veredas Mortas, do GSV, daquela da Capela Perigosa, da *Demanda*, como lembra ainda a síntese que faz desta Eliot, em *The Waste Land*. Em nota, sugere para exame do caráter iniciatório a leitura de Jessie L. Weston, *From ritual to Romance*, Nova Iorque, Doubleday, 1957, Cap. XIII: “The Perilous Chapel”. Acrescentamos: na *Demanda* post-vulgata, a que corresponde o texto português do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, a cena da Capela Perigosa comparece como a Capela Veira, nas visões ou sonhos de Elaim, Estor e Galvam: “E em esto falando, andarom ataa hora de vespervas chegarom a ũa igreja velha e antiga, u nom morava homem nem molher, a seu semelhar. E aquela igreja stava em meio de uũ gram chaão mui ermo, e foram pera alá pera pousare, i aquela noite...” (n. 148). Nesta altura, vai receber o pão dos anjos “ũa molher toda nua mui velha, e nom a cobria rem, senam seus cabelos que lhe deciam ataa a terra, e tam brancos como ũa neve; e foi ficar os geolhos ante aquele que stava sobre o altar...” (n. 149). A obra traz a revelação desta aventura da floresta: a dona da capela (ns. 611, 612 e 613). Por fim, mais adiante, já muito perto do fim, n. 681, Gilfret “ao terceiro dia, partiu-se aa Capela Veira” para saber se Lucam já estava enterrado, oportunidade em que encontra um outro túmulo em que “havia leteras que diziam: ‘Aqui jaz rei Artur, que per sa proeza e per sa bondade conquis doze reinos’”, mas nesse túmulo só foi encontrado o elmo de Artur.

18. GSV, p. 227.

apresente traços muito peculiares, não são, na sua essência, muito diferentes daquela que encontra-se nos romances de cavalaria:

“O comportamento dos jagunços não segue o padrão ideal dos poemas e romances de cavalaria, mas obedece à sua norma fundamental: a lealdade; e não há dúvida que também para eles a carreira das armas tem significado algo transcendente, de obediência a uma espécie de dever. No melhor dos casos, o senso de serviço, que é o próprio fundamento da cavalaria”¹⁹.

Mais explicitamente aproxima essas imagens Walnice Nogueira Galvão, reportando-se também ao senso comum de uma visão idealizada e moderna:

“Por outro lado, é preciso lembrar também que aquilo que o senso comum nos insinua quando ouvimos falar em cavaleiro andante é apenas uma visão idealizada e moderna; imagem que reúne e acentua alguns traços éticos - pureza, honra, lealdade, fidelidade, decência etc. -, está bem longe, já não direi da sua realidade histórica, mas dos próprios textos da novela de cavalaria. E nisto, em sua terrível cruzeza e impiedade, a novela de cavalaria está bem mais próxima do *Grande sertão: veredas* do que o leitor moderno poderia supor”²⁰.

Há ainda um outro traço característico da personagem de Riobaldo muito importante para melhor definir a aproximação desse herói com seu semelhante da *Demanda do Santo Graal*. Se Galaaz está predestinado a *dar cima aas aventuras do regno de Logres*, por desígnio superior, o que não exclui sua decisão pessoal, Riobaldo escolhe ele-mesmo seu destino de levar a cabo a vingança do grande Chefe Joca Ramiro, por amor de Diadorim, através do pacto com o Diabo.

Se fôssemos enumerar todos os traços que aproximam não apenas essas duas personagens, mas outras muitas de ambas as obras, depararíamos com perfis de jagunços com muitos detalhes próximos daqueles dos heróis medievais. O próprio texto rosiano explicita características de cavaleiro medievais em Joca Ramiro:

“Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para ele, Joca Ramiro era único homem, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno”²¹.

Além dos perfis, haveria tão importantes e inumeráveis similitudes de gestos, de atitudes e de características das personagens, que seria um não mais acabar sua simples enumeração. Mas mais importante para comprovar a aproximação das duas obras é a estrutura da primeira refletida na segunda. A *Demanda*, conhecida

19. CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, p. 130.

20. GALVÃO, Walnice Nogueira. *Op. cit.*, p. 61-2.

21. GSV, p. 37.

como a *Demanda* portuguesa de Viena, é a terceira parte, a última das três de que se compõe o Ciclo da Posto-Vulgata, também conhecida como o Romance do Graal, uma trilogia constituída por *O Livro de José de Arimatéia*, *o Merlim* e *A Demanda do Santo Graal*, sendo que *A Morte de Artur*, o último livro do Ciclo da Vulgata não ocupa senão os últimos capítulos da *Demanda*²².

O leitor percebe o mesmo trabalho de elaboração oscilante, digamos, a constante oscilação entre o contar o não saber contar e que acabando por contar rosiano e a permanente organização da obra medieval, ao mesmo tempo em que ela se conta. A preocupação em documentar a narrativa por meio de listas dos nomes das personagens é comum aos dois textos, igualmente a determinação da seqüência dos fatos e das partes maiores que as compõem, como querendo a própria narrativa organizar-se, distribuir suas partes e administrar sua complicada economia interna²³. Há mesmo uma situação muito próxima da *Demanda* que volta e meia diz que o rei "mandou meter em escrito" ou "meterom em escrito", em *Grande sertão: veredas*, certa feita, Zé Bebelo põe Riobaldo a escrever²⁴.

O exame da estrutura do texto da *Demanda* permite reconhecer e identificar com precisão o processo de sucessão e encaixe das diversas partes da narrativa,

22. Ao tempo em que Guimarães Rosa era vivo a única edição da *Demanda do Santo Graal* que circulava entre nós era a edição Magne de 1944, a primeira edição integral do códice 2594 de Viena, são dois volumes de texto e um de glossário. O Ciclo da Post-Vulgata, comumente denominado Ciclo do Pseudo-Boron ou Romance do Graal, não se conservou integralmente em sua versão original francesa. Do *Livro de José de Arimatéia* e da *Demanda do Santo Graal* os textos portugueses são considerados os mais completos. O primeiro deles é o códice 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa e sua edição diplomática deve-se a Henri Hare Carter, em 1967. Espera-se a edição crítica de Ivo Castro, anunciada desde sua brilhante tese defendida em 1984: *Livro de José de Arimatéia* (Estudo e edição do Cod. ANTT 643). Quanto ao *Merlim*, Amadeu J. Soberanas dá notícia e transcreve os fólhos que descobriu na Biblioteca da Catalunha: "La version galaico-portugaise de la Suite du Merlin". *Vox Romanica*, v. 38, 1979, p. 174-93. A respeito da entrada do ciclo na Península Ibérica, ver Ivo Castro: Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia*? *Boletim de Filologia*, t. XXV, 1976-1979, fasc. 1-4, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, p. 173-83, 1979; e também do mesmo autor: Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata. *Boletim de Filologia*, t. XVIII, Lisboa, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, p. 81-98, 1983.
23. Em GSV, a economia da narrativa marca com muita freqüência o texto: "Ou conto mal? Reconto" (p. 49). "Talhei de avanço, em minha história. O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito" (p. 152). "Vou reduzir o contar [...] Conto ao senhor é o que eu sei que o senhor não sabe, mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba" (p. 175). "De contar tudo o que foi, me retiro, o senhor está cansado de ouvir narração..." (p. 230). "Só sim? Ah, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo - que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras" (p. 234). "Mas como vou contar ao senhor? Ao que narro, assim resfriado, e esvaziado, luiz-e-silva". (p. 448).
24. "Mas me levou para um outro quarto, pequeno, sem cama nenhuma, o que se via era uma mesa. Mesa de madeira vermelha, respeitável, cheirosa. [...] 'Senta, mano...' - ele pois. Ofereceu a cadeira, cadeira alta, de pau, com recosto. [...] E ele me olhou e me disse: '- Escreve...'" (p. 248-9).

com as frases “Mas ora deixa o conto a falar de...” - “Ora diz o conto que...”²⁵ Há as grandes partes e há as pequenas células que as compõem, mostrando ao leitor que é possível apontar no conjunto um modelo de construção de uma narrativa em três grandes partes: dois movimentos seguidos de resultados. O primeiro movimento, centrípeto, é a reunião dos cavaleiros em torno de um eixo: a mesa redonda, com o Graal ao centro. O segundo, centrífugo, é o conjunto das aventuras cavaleirescas, as aventuras dos cavaleiros da tábua redonda em busca do Graal. No fim desse segundo movimento, o Graal é arrebatado aos céus e o que segue são os resultados dos dois movimentos anteriores²⁶.

Paralelamente, *Grande sertão: veredas* é uma narrativa que, num primeiro movimento, oferece o quadro das rivalidades entre os jagunços e os homens do governo. Em consequência dessas rivalidades, os jagunços organizam-se em torno de cabos-chefes que se sucedem, chegando à grande liderança de Joca Ramiro. Um segundo movimento de lutas e combates culmina com a morte do grande chefe, por traição dos *hermógenes*. Os resultados seguem à cisão entre os jagunços em consequência dessa traição, prolongando a ação até a vingança de Joca Ramiro.

Se tal estrutura é válida, novos detalhes muito preciosos de aproximação entre os dois textos se sobrepõem: na *Demanda*, Artur mata seu sobrinho, na verdade, seu filho Mordret, e ele mesmo, mortalmente ferido, parte para Avalon; em *Grande sertão: veredas*, Joca Ramiro é morto por Hermógenes, um dos cabos-chefes que teria feito um pacto com o diabo, imagina Riobaldo. Por isso Riobaldo faz o pacto, aceita o poder e comanda a busca da vingança. Com a certeza de levar a bom termo sua missão, certeza adquirida pelo pacto, provoca o combate derradeiro, provocando assim a causa imediata das mortes, só que além da de Hermógenes, também a de Diadorim:

“Assim, a - mirei e vi - o claro claramente: aí Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou - no vão - e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! [...] Diadorim tinha morrido - mil-vezes-mente - para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram”²⁷.

O grande amigo de Riobaldo, depois de morto, é reconhecido como “A Deus dada. Pobrezinha. [...] era corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pôde mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha...”²⁸

O que salta aos olhos aqui como aproximação entre as duas obras não são apenas os acontecimentos ou as personagens, mas sobretudo suas relações. A partir do momento em que Riobaldo faz o pacto, ele propõe-se a executar uma tarefa

25. DSG, v. I, cap. VII, n. 46. A primeira frase concludente, seguida de outra principiante sucedente faz os elos que ligam as partes da narrativa.

26. MEGALE, Heitor. *O jogo dos anteparos. A demanda do Santo Graal: a estrutura ideológica e a construção da narrativa*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1992. p. 70.

27. GSV, 451.

28. GSV, 453.

que de direito cabe a Diadorim, a amizade, melhor, o amor que há entre ambos permite-lhe esse gesto. O que ele não podia imaginar é que Diadorim não fosse ele, mas ela... e agora ela estava morta. Foi a busca da vingança, mas foi também a morte de Hermógenes que causou a morte de Diadorim. E quem comandou uma e outra foi Riobaldo, de uma relação muito forte com Diadorim, o filho/a filha de Joca Ramiro. E quem está lá para banhar o corpo de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, o verdadeiro nome de Diadorim, é a mulher do Hermógenes:

"A senhora conheça, dona, - disse-lhe João Concliz - um homem demoiado, que foi: mas que já começou a feder, retalhado na virtude do ferro... Aquela mulher ia sofrer? Mas ela disse que não, sacudindo só de leve a cabeça, com respeito de seriedade. - Eu tinha ódio dele..."²⁹

Nota-se claramente que na precipitação dos acontecimentos finais, as relações entre as personagens em evidência é a mais forte possível, no domínio do amor e do ódio, como na *Demanda*.

E para concluir com as semelhanças entre as estruturas dos dois textos, é preciso assinalar ainda que a cisão entre os grupos, que é ao mesmo tempo um divisor de partes e a causa da catástrofe final, tem em ambos os textos origem semelhante: instala-se nos grandes troncos do poder. Na *Demanda*, entre as dinastias do rei Uter Pendragão, pai de Artur, e a do rei Bam de Benoic, pai de Lancelot; em *Grande sertão: veredas*, entre o grande chefe Joca Ramiro e o cabo-chefe Hermógenes. Na *Demanda*, não há dúvida de que o erro de Lancelot foi a causa mais próxima da derrocada do reino. A revelação dos amores de Lancelot com a rainha Genevra cindiu o reino, na altura já desarticulado. Cisões anteriores não alteraram profundamente a ordem do reino, porque ainda articulado pelo Graal. Cisões dessa ordem são, por exemplo, desencadeadas com a morte de Lamorant por Galvam: a rivalidade entre a linhagem de Pelinor e a de Loth, que repercute entre cavaleiros das linhagens de Bam e a de Loth. Mas inegavelmente é à cisão entre Artur e Lancelot e, mais tarde, entre Artur e Mordret, no âmago da corte e no íntimo da família, que se devem a derrocada e o desmoronamento do reino. Em *Grande sertão: veredas*, são os grupos de Ricardão e Hermógenes que rebelam-se contra a autoridade de Joca Ramiro, depois da sentença que este Chefe dá no final do julgamento de Zé Bebelo³⁰.

Por fim, assim como a estória de Artur e de seus cavaleiros deseja-se perpetuar, tornar-se conhecida e difundir-se, na medida em que os acontecimentos são escritos: "E quando chegou a Camaalot mandou meter em escrito"³¹. Assim em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo expressa o desejo de que sua narrativa torne-se conhecida e seja difundida:

29. GSV, p. 452-3.

30. GSV, p. 213-4.

31. DSG, ed. Magne fac-similar, v. II, em aditamento, p. 499, n. 288. É freqüente ao longo do texto a repetição desse tipo de informação.

"A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas..."³²

As duas obras logram a perenidade que um e outro texto vaticina, a mesma de que fala Horácio, mais duradoura do que o bronze³³. A perfeição de *Grande sertão: veredas*, no século XX, sem dúvida, deve-se a uma tradição que, no século XIII, conta com *A Demanda do Santo Graal*, em língua portuguesa.

Referências Bibliográficas:

- A Demanda do Santo Graal*, ed. fac-similar por Augusto Magne, Rio de Janeiro, INL, v. I, 1955, v. II, 1970.
- A Demanda do Santo Graal*, ed. J. M. Piel concluída por Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988.
- A Demanda do Santo Graal*, 2. ed., texto modernizado por Heitor Megale, São Paulo, T. A. Queiroz, 1989.
- A Demanda do Santo Graal*, ed. Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1995.
- A morte do rei Artur*. Trad. Heitor Megale, São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- HORÁCIO, *Oeuvres d'Horace*, Liv. III, ode 30, ed. E. Plessis et P. Lejay, 9. ed., Paris, Hachette, 1921.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS, A NARRATIVE THAT RETRACES "THE SEARCH FOR THE HOLY GRAAL".

ABSTRACT: This paper attempts to establish a comparison between João Guimarães Rosa's *Grande sertão: veredas* and *A Demanda do Santo Graal*, a 13th. century romance of chivalry. On the basis of texts of Brazilian critics who have pointed out such a relationship, it aims at presenting new traits that bring together these great Portuguese texts (even though *A Demanda do Santo Graal* has been translated from the French original). Above all, it points out structural aspects that justify and serve as a further basis for such a comparison.

KEYWORDS: Comparative Literature, 20th. Century Brazilian Literature, Medieval Portuguese Literature, Novels of chivalry. Novels dealing with the Brazilian *sertão*.

32. GSV, p. 209.

33. "Exegi monumentum aere perennius", *Oeuvres d'Horace*, Liv. III, ode 30, texte latin publié par E. Plessis et P. Lejay, 9. e., Paris, Hachette, 1921, p. 187.